



RESENHA

PEGA NA CHALEIRA – RESENHAS

Resenha sobre o livro *UAKTI – um estudo sobre a construção de novos instrumentos musicais acústicos* de Artur Andrés Ribeiro

Patricia Furst Santiago (UFMG)
patricia_santiago@hotmail.com

Palavras-chave: UAKTI, instrumentos musicais, Marco Antônio Guimarães, música instrumental brasileira.

Review on the book *UAKTI – um estudo sobre a construção de novos instrumentos musicais acústicos* by Artur Andrés Ribeiro

Keywords: UAKTI, musical instruments, Marco Antônio Guimarães, Brazilian instrumental music.

RIBEIRO, Artur Andrés. *UAKTI – um estudo sobre a construção de novos instrumentos musicais acústicos*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2004 (247p.)

Do talento criativo de Marco Antônio Guimarães, surgiu um incontável número de novos instrumentos musicais acústicos e o grupo *UAKTI - Oficina Instrumental*, que, hoje consolidado, dispensa apresentação. Possuidores de uma formação musical eclética, os quatro membros do grupo - o próprio Marco Antônio¹, Artur Andrés, Paulo Santos e Décio Ramos - vêm oferecendo

¹ Como Andrés (2004, p. 62) esclarece no livro, em 1992, Marco Antônio Guimarães deixou de se apresentar ao vivo com o UAKTI, porém permanece como compositor, arranjador e diretor artístico do grupo.

ao seu público, há mais de duas décadas, um trabalho musical único que se traduz em centenas de concertos no Brasil e no exterior, workshops e cursos de curta e longa duração, além da produção 10 CDs com música e arranjos originais.

Mais uma contribuição relevante nos é oferecida por Artur Andrés, através do lançamento de seu livro *UAKTI - um estudo sobre a construção de novos instrumentos musicais acústicos*. Este é um “texto no lugar certo”², pois nos informa sobre o trajeto do UAKTI, reflete a multifacetada experiência musical do autor e abrange várias dimensões, o que garante funcionalidade ao livro. Com uma apresentação visual primorosa, que inclui fotos ilustrativas de sua narrativa, o estudo de Andrés discorre sobre temas de interesse para os mais diversos leitores.

Na Introdução do livro, encontramos uma discussão sobre a inércia do processo de construção de instrumentos musicais acústicos no mundo moderno e a raridade de estudos sistematizados sobre o assunto. Andrés cita alguns poucos indivíduos que se dedicaram à construção de tais instrumentos, dentre eles Marco Antônio Guimarães, uma das raras exceções dentro de um mundo dominado pela tecnologia. A classificação convencional dos instrumentos de orquestra (percussão, cordas e sopro) é apresentada em contraposição ao sistema de classificação criado por Erich von Hornbostel e Curt Sachs³, que se baseia nas características físicas de produção sonora e que é utilizada por Andrés, mais tarde no livro, para catalogar os instrumentos do UAKTI. A introdução é finalizada com a apresentação da discografia do grupo.

O corpo do texto é composto por três longas seções. A primeira narra a trajetória musical de Marco Antônio Guimarães no contexto do movimento da música nova na Bahia, nos anos 70, onde os processos de construção de novos instrumentos e composição musical foram decisivamente influenciados por Walter Smetak e Ernst Widmer, compositores de origem suíça, que atuavam na Escola de Música da Universidade Federal da Bahia naquele tempo. Esta seção também nos informa sobre a criação e trajetória do grupo UAKTI.

A segunda seção discute os fatores de ordem musical, filosófica e econômica, que motivaram a humanidade a criar instrumentos musicais. Aqui, são oferecidos comentários sobre a evolução dos instrumentos musicais em culturas originárias⁴, bem como uma retrospectiva da evolução dos instrumentos europeus, da Idade Média aos dias atuais. O autor também descreve em detalhes o processo de criação dos instrumentos musicais utilizados pelo UAKTI. Porém, a meu ver, o tópico mais fascinante apresentado neste capítulo refere-se às práticas de criação de repertório do UAKTI, tópico sobre o qual discorrerei mais tarde.

² Referência à expressão “música no lugar certo”, usado por Marco Antônio Guimarães no texto de Andrés (2004, p. 39) para definir a função de uma manifestação musical no contexto no qual esta se insere.

³ Eric von Hornbostel (1877-1935) e Curt Sachs (1881-1959), musicólogos austríaco e alemão, respectivamente, segundo nota do autor (ANDRÉS, 2004, p. 22).

⁴ A expressão “culturas originárias”, adotada nesta resenha, substitui a expressão “civilizações primitivas” que foi utilizada por Andrés em seu livro. Preferi substituir a expressão usada por Andrés porque o termo “primitivo” pode, para um leitor despreparado, assumir uma conotação pejorativa, o que certamente não foi a intenção do autor. Ambas as expressões referem-se às civilizações antigas que habitaram nosso mundo (Grega, Indiana, Chinesa, etc.), bem como a povos que ainda coexistem conosco, mas que foram capazes de preservar suas tradições de origem como, por exemplo, algumas tribos de índios brasileiros e os povos das ilhas de Java e Bali, dentre outros.

Na terceira seção do livro, Andrés apresenta o “*Catálogo dos novos instrumentos musicais acústicos UAKTI*”, no qual os instrumentos são categorizados como aerofones, idiofones, membrafones, cordofones e instrumentos eletromecânicos. Finalmente, em suas considerações finais, o autor apresenta uma breve retrospectiva do conteúdo do livro e define, com propriedade, a essência contida no trabalho realizado pelos músicos do UAKTI:

A universalidade e a brasiliade da música do UAKTI...superam a rotulação de “música exótica” ou *world music*, que resistiu, como observou Marco Antônio Guimarães , à “não-vampirização” pela cultura norte-americana ou européia. A música do UAKTI sintetiza, de forma orgânica, diferentes estilos musicais como o minimalismo, *world music*, MPB, jazz, new age, atonalismo, tonalismo, modalismo, música ecológica e aleatória. Ao mesmo tempo, o grupo desenvolve uma pesquisa que aproxima seu trabalho de diferentes áreas da ciência, como a física, a mecânica e a acústica (ANDRÉS, 2004, P. 229).

Por ser coerente com a essência do trabalho realizado pelo UAKTI, o estudo de Andrés assume caráter multidisciplinar e abrange diferentes dimensões, apresentando um diálogo entre diferentes áreas de conhecimento. A dimensão histórica e cultural do livro possui implicações de ordem artístico-cultural e estético-musical, sendo definida pela narrativa cronológica dos diversos aspectos concernentes à criação de instrumentos musicais, pelo histórico do UAKTI e pela apresentação de alguns dos processos de composição musical e performances do grupo. Esta dimensão interessa ao leitor que se preocupa com a síntese das linguagens musicais, por abordar questões tais como: a conciliação entre as músicas popular e erudita; a inclusão de tendências estilísticas típicas da música contemporânea; a influência de diferentes tipos de música praticada em diferentes partes do mundo; e a repercussão da música brasileira em países do exterior. Como exemplo desta dimensão, vale citar o texto do autor:

Do ponto de vista estético-musical, o estilo do UAKTI busca uma conciliação entre duas vertentes musicais distintas: a música erudita e a música popular. Do lado erudito, tanto na linguagem tradicional quanto na contemporânea, há conceitos de estruturação formal e abordagens experimentais, ambas apoiadas no conhecimento científico do fenômeno sonoro. Da vertente da música popular, que inclui a música folclórica, o jazz, o minimalismo e a música oriental, são absorvidos elementos mais livres e intuitivos, como a improvisação (ANDRÉS, 2004, p. 129).

Para aquele que busca observar a aplicação da música a outras manifestações artísticas, o estudo evidencia a interface da música do UAKTI com a dança, em sua estreita parceria com o Grupo Corpo e com o cinema. Quanto à síntese entre ecologia e tecnologia, o próprio autor esclarece: “

Se há na concepção musical de Marco Antônio Guimarães uma consciência ecológica que o aproxima das expressões musicais étnicas e da utilização de materiais recicláveis e ditos ecológicos, há também uma liberdade para absorver os avanços da tecnologia e seus resultados” (ANDRÉS, 2004, p. 139).

O estudo ganha dimensão filosófica, especialmente devido às indagações desta natureza, feitas pelo autor e também devido ao profundo significado que é atribuído aos personagens, instrumentos e episódios que cruzam sua narrativa. Do começo ao fim, nota-se no livro uma atitude respeitosa por parte de Andrés perante os eventos que permearam a extraordinária

trajetória do UAKTI e uma reverência, se bem que serena e sutil, à sua própria experiência de vida pessoal e musical no contexto desta trajetória.

A dimensão artística está presente no texto de Andrés, oferecendo aos músicos amplo material para reflexões nas áreas de criação, performance, produção e educação musical. Os comentários do autor, sobre as questões de produção musical e apresentação da música ao público, bem como sobre o relacionamento dos membros do grupo, sobre o relacionamento dos músicos com os instrumentos e sobre o aspecto lúdico e prazeroso do fazer musical coletivo do UAKTI são, certamente, de interesse do leitor. A relevância para o trabalho do UAKTI, da relação estabelecida entre música, músicos e instrumentos fica óbvia ao leitor pela afirmação de Andrés (2004, p.147):

“Pudemos notar, com o passar dos anos, que a intensificação do processo de interação performer-novo instrumento propicia a construção de um sentimento de grande intimidade entre instrumentistas e instrumentos”. O resultado final dessa integração harmoniosa e fluente, envolvendo diretamente e indiretamente o *idealizador*, o *construtor*, o *compositor*, os *performers*, os *instrumentos*, a *música* e o *público*, pode ser apreciado nas apresentações ao vivo do UAKTI, onde a atenção desloca-se gradativamente dos instrumentos para a criação e performance musical” (ANDRÉS, 2004, p.151).

Porém, a meu ver, um dos tópicos de maior relevância para a performance e educação musical (que, evidentemente, inclui a pedagogia da performance instrumental), que foi relativamente pouco explorado por Andrés, diz respeito às práticas informais e processos criativos empreendidos pelos músicos do UAKTI. Indícios sobre a realização de tais práticas surgem esporadicamente no corpo do texto e um maior delineamento sobre elas aparece em seção específica. Nessa seção, Andrés nos brinda com alguma informação sobre os processos de improvisação e criação coletiva, com a elaboração de arranjos em conjunto, com as novas formas de notação musical e com as novas formas de composição musical do grupo. Porém, para quem se interessa pelo assunto, o texto deixa um “gostinho de quero mais”. Pode-se, então, esperar que Artur Andrés dê continuidade à sua pesquisa, empreendendo, eventualmente, um estudo empírico no qual possam ser apresentadas, de forma sistemática, as práticas e procedimentos criativos desenvolvidos pelos músicos do UAKTI.

Tendo aqui apresentado uma síntese e enfatizado a importância do estudo de Andrés para diversas áreas a ele associadas, me autorizo a fechar esta resenha com um comentário pessoal sobre o estudo. Pelo gosto de sinceridade que tem o livro de Artur Andrés, que remete ao som mágico produzido pelo UAKTI, escrever esta resenha fez-me lembrar os tempos mágicos de infância na cidade de Belo Horizonte, quando se brincava livre pelas ruas, quando ainda existiam as fontes coloridas na Praça Raul Soares e ainda se via acender, com emoção, as luzes do Cine Metrópole. Revivi a história musical de mim mesma, repleta das influências de personagens que habitam o texto de Andrés - da Berenice, da Rosa, da Malinha e da Melinha⁵, do grande

⁵ Berenice Menegale, pianista e diretora da Fundação de Educação Artística; Rosa Lúcia dos Mares Guia, educadora musical e diretora do Villa-Lobos - Núcleo de Educação Musical de Belo Horizonte; Maria Amália Martins e Maria Amélia Martins La Fosse, que trabalharam como professoras de treinamento auditivo e teoria musical na Escola de Música da UFMG.

professor Koellreutter⁶, que nos ensinou a “qu^en^tionar”⁷ tudo e todos na Sala 1 da Fundação de Educação Artística. Revivi também a música do UAKTI, que tantas vezes tive o prazer de ouvir ao vivo no Grande Teatro do Palácio das Artes, ou em qualquer outro lugar.

Resta-me dizer que o estudo de Artur Andrés - *UAKTI - um estudo sobre a construção de novos instrumentos musicais acústicos*- nos ajuda a refletir sobre a filosofia de vida de Walter Smetak, filosofia que justifica o intenso trabalho de criação de instrumentos originais empreendido por Marco Antônio Guimarães e a criação da música do UAKTI. Smetak acreditava que “um novo mundo requer homens novos e uma música nova” (ANDRÉS, 2004, p. 93). De fato, ao ouvir a música do UAKTI e ao ler o texto de Andrés, nos emocionaremos com a contribuição universal de seu trabalho e poderemos constatar que esta nova música já se faz presente.

Patrícia Santiago Furst é Mestra e Doutora em Educação Musical pela Universidade de Londres. Realizou formação na Técnica Alexander no Brasil e em Londres. Atuou como professora de musicalização e piano na Fundação de Educação Artística e foi professora e coordenadora de piano no Villa-Lobos - Núcleo de Educação Musical. No momento, atua nos cursos de Pós-Graduação das Escolas de Música da UFMG (CAPES/PRODOC) e da UEMG. É co-autora do livro *Pianobrincando - Atividades de Apoio ao Professor*.

⁶ H. J. Koellreutter dirigiu os Seminários de Música da Escola de Música da UFBA. Nos anos 80, ministrou cursos intensivos de música na Fundação de Educação Artística e na Escola de Música da UFMG.

⁷ Referência ao forte sotaque alemão de Koellreutter.